

LARS KEPLER

O HIPNOTISTA

Tradução de Jaime Bernardes,
revista por Henrique Tavares e Castro

1

Madrugada do dia 8 de dezembro

Erik Maria Bark é subitamente arrancado ao seu sonho quando o telefone toca. Antes de acordar por completo, ouve-se a si mesmo dizer com um sorriso:

– Balões e serpentinas.

O coração palpita-lhe, pelo súbito despertar. Erik não sabe o que quis dizer com aquelas palavras e não faz ideia nenhuma do conteúdo do seu sonho.

Para não incomodar Simone, sai do quarto sem fazer ruído e fecha a porta, antes de atender.

– Sim, fala Erik Maria Bark.

O comissário da Polícia Judiciária Joon Linna pergunta-lhe se está suficientemente desperto para poder assimilar informações importantes. Enquanto escuta as palavras do comissário, os seus pensamentos permanecem ainda na antecâmara vazia e escura posterior ao sonho.

– Ouvi dizer que o senhor é muito competente no tratamento de traumas agudos – arrisca Joon Linna.

– Sim – responde Erik laconicamente.

Engole um analgésico enquanto ouve o relato do comissário. Este começa por explicar que precisa de interrogar uma testemunha, um rapaz de quinze anos de idade que presenciara um duplo assassinato. O problema é que o rapaz fora gravemente ferido. O seu estado é insustentável, entrou mesmo em estado de choque e mantém-se inconsciente.

Foi transferido durante a noite dos Serviços de Neurologia do Hospital de Huddinge para a enfermaria de Neurocirurgia do Hospital Universitário Karolinska, em Solna.

– Quem é o médico responsável? – pergunta Erik.

– Daniella Richards.

– Ela é muito competente e tenho a certeza de que pode resolver...

– Foi ela mesma que me pediu que lhe telefonasse – interrompe o comissário. – Precisa da sua ajuda urgentemente.

Erik volta para o quarto para recolher as suas roupas. A luz de um candeeiro da rua filtra-se por entre os dois cortinados. Simone está deitada de costas e olha para ele com uma expressão estranha, vazia.

– Não queria acordar-te – diz ele em voz baixa.

– Quem era? – pergunta ela.

– Um polícia... Um comissário, não percebi o nome dele.

– De que se trata?

– Tenho de ir ao Karolinska – responde. – Precisam de ajuda para um rapaz.

– Mas que horas são?

Ela olha para o despertador e fecha os olhos. Erik repara que nos seus ombros sardentos há vincos do lençol.

– Fica a dormir, Sixan – sussurra.

Depois leva a roupa para o vestíbulo, acende a luz e veste-se rapidamente. Uma lâmina de aço reflete a luz e brilha nas suas costas. Erik volta-se e vê que o filho pendurou os patins de gelo na maçaneta da porta de casa, para não se esquecer deles. Apesar de estar com pressa, vai ao guarda-roupa da entrada, puxa o baú e procura os protetores de borracha dos patins. Fixa-os nas lâminas afiadas dos patins e deixa-os em cima do tapete da entrada, antes de sair do apartamento.

São três horas da madrugada de terça-feira, dia 8 de dezembro, quando Erik Maria Bark se senta no carro. A neve cai lentamente de um céu muito escuro. Não sopra vento absolutamente nenhum e os pesados flocos brancos pousam sonolentos na rua vazia. Gira a chave de ignição e logo se ouve uma música, em ondas suaves: *Kind of Blue*, de Miles Davis.

Conduz o carro através de uma cidade adormecida. A distância é curta desde a rua Luntmakargatan, seguindo pela avenida Sveavägen, até Norrtull. O lago Brunnsviken vislumbra-se como uma abertura grande e escura por detrás da neve que cai. Diminui a velocidade, entra na área hospitalar, entre o Hospital Astrid Lindgren, que subsiste com escassez de pessoal, e a maternidade, passando depois pelo edifício da Radiologia e da Psiquiatria. Acaba por estacionar no seu lugar habitual perto da ala de Neurocirurgia e sai do carro. A iluminação da rua reflete-se nas janelas do enorme complexo. No estacionamento, apenas alguns carros de visitantes. Os melros esvoaçam na escuridão que envolve as árvores, as asas crepitando como folhas secas. Erik repara que, àquela hora, não se ouve o ruído da autoestrada.

Introduz o cartão de acesso, marca o código de seis dígitos e entra no átrio do complexo, sobe no elevador até ao quinto andar e percorre os corredores. As lâmpadas fluorescentes no teto brilham no linóleo azul do chão como se fossem pedaços de gelo numa vala. Só então começa a sentir cansaço, depois da repentina subida de adrenalina. O sonho tinha sido tão bom, ainda persiste um travo de felicidade. Passa diante de uma sala de operações, das portas da enorme câmara hiperbárica, cumprimenta uma enfermeira e pensa mais uma vez naquilo que o comissário lhe contou ao telefone: um rapaz com várias hemorragias internas e com cortes por todo o corpo transpira, não quer ficar deitado, está inquieto e tem muita sede. Fazem uma tentativa para falar com ele, mas o seu estado piora rapidamente. O estado de consciência começa a falhar, ao mesmo tempo que o coração acelera, e a médica responsável, Daniella Richards, toma a decisão correta de impedir que o polícia se aproxime do paciente.

Dois polícias de uniforme estão em frente da porta da enfermaria N18. Ao aproximar-se, Erik sente que a expressão deles é de preocupação. Talvez estejam apenas cansados, pensa, quando se detém diante deles, identificando-se. Dão uma rápida vista de olhos ao cartão e, em seguida, carregam num botão e a porta abre-se com um zumbido.

Erik entra na sala, dá um aperto de mão a Daniella Richards e nota a tensão expressa na sua boca e nos seus movimentos.

- Toma um café – oferece ela.
- Temos tempo? – pergunta Erik.
- Tenho a hemorragia do fígado controlada.

Um homem aparentando uns quarenta e cinco anos, de *jeans* e casaco preto, encontra-se diante da máquina de café a dar-lhe pequenas pancadas. Tem o cabelo loiro, desgrenhado, e os lábios sérios e apertados. Erik pensa que talvez se trate de Magnus, marido de Daniella. Nunca o viu pessoalmente, apenas em fotografia no gabinete dela.

- É o teu marido? – pergunta, apontando para o homem.
- O quê? – responde ela, entre divertida e surpresa.
- Pensei que talvez o Magnus te tivesse acompanhado.
- Não. – Daniella ri-se.
- Tens a certeza? Posso-lhe perguntar – brinca Erik, e começa a dirigir-se para o homem.

O telemóvel de Daniella toca e ela atende, ainda a rir-se.

- Erik, para com isso – diz ela, antes de encostar o aparelho ao ouvido e responder: – Sim, fala Daniella.

Escuta, mas não ouve nada.

- Estou?

Espera alguns segundos, e depois despede-se ironicamente com a tradicional saudação havaiana «aloha» antes de fechar o aparelho e seguir Erik, que já está junto do homem loiro. A máquina de café continua a emitir zumbidos e silvos.

- Tome um café – diz o homem, oferecendo o copo de papel a Erik.

- Não, obrigado.

O homem toma a bebida quente, sorri e formam-se-lhe duas pequenas covas nas faces.

- Está bom – garante, tentando oferecer o copo novamente a Erik.

- Não quero.

O homem bebe mais um pouco, enquanto o observa.

- Pode emprestar-me o seu telemóvel? – pergunta de repente.
- Se não tiver nada contra. Deixei o meu no carro.
- E agora quer usar o meu? – pergunta Erik, muito sério.

O homem loiro assente e olha para ele com os seus olhos claros, cinzentos como granito polido.

– Pode voltar a usar o meu – oferece Daniella.

– Obrigado.

– De nada.

O homem loiro pega no telemóvel, olha para o aparelho e depois para ela:

– Prometo que o devolverei.

– Afinal, é você que o usa – brinca ela.

Ele ri-se e afasta-se.

– Só pode ser o teu marido – diz Erik.

Daniella abana a cabeça, ainda a sorrir, mas vê-se que está muito cansada. Tinha esfregado os olhos e a maquilhagem cinzento-prateada esborratara-lhe o rosto.

– Posso ir ver o paciente? – pergunta Erik.

– Claro – concorda ela.

– Já que vim até cá... – apressa-se ele a dizer.

– Erik, preciso mesmo de ouvir a tua opinião, sinto-me muito insegura.

Abre a pesada porta em silêncio e Erik entra com ela num quarto bem aquecido, anexo à sala de operações. Um rapaz magro está deitado na cama. Duas enfermeiras tratam-lhe as feridas. Tem centenas de arranhões e de cortes pelo corpo todo. Nas plantas dos pés, no peito, na barriga, no pescoço, na nuca, no rosto e nas mãos.

O pulso é fraco, mas muito rápido. Tem os lábios cinzentos como alumínio, está a suar e os olhos permanecem bem fechados. O nariz parece estar partido. Um hematoma estende-se por baixo da pele como uma nuvem, do pescoço até ao peito.

Erik nota que o rosto do rapaz, apesar dos ferimentos, é bonito.

Daniella explica em voz baixa a sua evolução, a maneira como os indicadores do estado do rapaz estão a variar, quando, de repente, alguém bate na porta de vidro e ela se cala. É de novo o homem loiro, que lhes faz sinal do lado de fora da porta.

Erik e Daniella entreolham-se e saem da sala de tratamento. O homem loiro está de novo junto da máquina de café.

– Vai um *cappuccino* grande? – pergunta, dirigindo-se a Erik. – Pode fazer-lhe falta antes de falar com o polícia que encontrou o rapaz.

Só então Erik percebe que o homem loiro é o comissário da Polícia Judiciária, o mesmo que o acordou há menos de uma hora. O seu sotaque finlandês não era tão evidente ao telefone ou, então, Erik estava demasiado cansado para o notar.

– Por que razão iria querer falar com o polícia que encontrou o rapaz? – pergunta Erik.

– Para compreender o motivo por que eu preciso de interrogar...

Joona cala-se no momento em que toca o telemóvel de Daniella. Retira-o do bolso do casaco, não faz caso da mão que ela lhe estende e olha para o visor.

– É para mim, de certeza – diz Joona e atende: – Sim... Não, quero que ele venha aqui... De acordo, mas para mim é igual.

O comissário sorri ao escutar as objeções do colega do outro lado da linha.

– Mas já me apercebi de uma coisa – responde.

O outro grita algo.

– Vou fazer as coisas à minha maneira – replica Joona, com voz calma, e encerra a conversa.

Devolve o telemóvel a Daniella e agradece-lhe com um aceno silencioso.

– Preciso de interrogar o paciente – explica depois, com uma expressão séria.

– Infelizmente – informa Erik –, o meu parecer é semelhante ao da Dra. Richards.

– Quando poderei falar com ele? – pergunta Joona.

– Não enquanto permanecer em estado de choque.

– Já sabia que ia dizer isso – balbucia Joona, em voz baixa.

– O estado dele continua a ser muito crítico – explica Daniella. – A pleura está afetada, o intestino delgado também, o fígado e...

Nesse momento, entra na sala um homem com um uniforme da polícia sujo. O seu olhar é de preocupação. Joona faz-lhe sinal, aproxima-se dele e cumprimenta-o com um aperto de mão. Diz qualquer coisa em voz baixa e o polícia passa a mão pela boca, olhando para os

médicos. O comissário insiste com o polícia em que precisam de conhecer os pormenores, o que poderia significar uma grande ajuda.

– Bom, enfim... – começa o polícia, pigarreando um pouco. – Pela rádio recebemos a informação de que um empregado da limpeza encontrou um homem morto no balneário do pavilhão desportivo de Tumba. Íamos de carro, a circular pela estrada de Huddinge... só tivemos de virar para Dalvågen, em direção ao lago. O meu colega Janne entra no balneário, enquanto eu fico cá fora a falar com o empregado. Primeiro, pensámos que se tratava de uma *overdose*, mas logo ficou claro que era outra coisa. Janne sai do balneário muito pálido e não quer que eu entre. «Sangue por todos os lados», diz ele três vezes e senta-se na escada e...

O polícia para de falar e deixa-se cair numa cadeira, olhando fixamente em frente, com a boca entreaberta.

– Consegues continuar? – pergunta Joonas.

– Sim... A ambulância chega ao local, o cadáver é identificado e eu fico encarregado de falar com os familiares. Temos poucos agentes de serviço, de modo que me cabe ir sozinho. A minha chefe dá a entender que não quer que o Janne vá comigo no estado em que se encontra, o que é compreensível...

Erik olha para o relógio.

– De certeza que tem tempo para ouvir isto – diz-lhe Joonas calmamente, com o seu sotaque finlandês.

– O falecido – continua o polícia, de olhos baixos – era professor no liceu de Tumba e morava na nova urbanização de vivendas, no alto da colina. Toco à campainha, ninguém abre. Toco várias vezes e nada. Por fim, não sei porquê, resolvo dar a volta à rua até chegar às traseiras da casa e aponto a lanterna para o interior através de uma janela.

O polícia cala-se novamente, os lábios tremem-lhe e começa a arranhar o braço da cadeira.

– Continua, por favor – pede-lhe Joonas.

– É mesmo preciso? É que eu... eu...

– Encontrei o rapaz, a mãe e uma menina de uns cinco anos.

O rapaz era o único ainda com vida.

– Embora eu achasse... eu...

Cala-se mais uma vez, muito pálido.

– Obrigado por teres vindo, Erland – agradece Jooná.

O polícia faz um aceno rápido, levanta-se, confuso, passa as mãos pela farda suja e deixa a sala.

– Foram todos esfaqueados – continua Jooná. – Pura loucura... Apresentavam lesões graves, tinham sido espancados a pontapé, e a menina... cortada ao meio. A parte inferior do tronco e as pernas, ainda na poltrona, diante da televisão e... – interrompe-se e observa Erik antes de continuar: – Parece que o criminoso sabia que o chefe da família estava no pavilhão desportivo – explica. – Tinha havido um jogo de futebol e ele fora o árbitro. O assassino esperou que ele ficasse sozinho, antes de o matar, e esquitejou-o... esquitejou-o de modo selvagem, e depois dirigiu-se à casa para matar os outros.

– Isso aconteceu nessa ordem? – pergunta Erik.

– Pelo que pude perceber, sim – responde o comissário.

Erik sente a mão a tremer, ao passá-la pela boca. «Pai, mãe, filho e filha», pensa lentamente e enfrenta depois o olhar de Jooná Linna.

– O assassino quis eliminar a família inteira – constata Erik, com voz fraca.

Jooná faz um gesto hesitante.

– É justamente isso que... Falta ainda um dos filhos, a irmã mais velha. De uns vinte e três anos. Ainda não conseguimos dar com ela. Não se encontra no seu apartamento, em Sundbyberg, nem tão-pouco em casa do namorado. É muito provável que o assassino também ande à procura dela e por isso queremos ouvir a testemunha o mais cedo possível.

– Vou entrar e fazer uma verificação mais precisa – diz Erik.

– Obrigado – assente Jooná.

– Mas não podemos pôr em risco a vida do paciente com...

– Compreendo – interrompe Jooná. – Porém, quanto mais tempo passar até encontrarmos algum indício que possamos averiguar, mais tempo o criminoso terá para procurar a filha mais velha.

– Deviam fazer, talvez, uma busca minuciosa nos locais dos crimes – sugere Daniella.

– Estamos a fazer isso – responde ele.

– Vá lá e apresse-os – insiste ela.

– De qualquer maneira, a busca não vai dar resultado nenhum – replica o comissário.

– O que quer dizer com isso?

– Vamos encontrar o ADN de centenas de pessoas em ambos os lugares.

Erik volta para junto do paciente. Diante da cama, observa o rosto pálido, coberto de ferimentos. A respiração é débil. Os lábios estão inchados. Erik pronuncia o nome do rapaz, o que provoca um pequeno estremecimento de dor no rosto dele.

– Josef – repete em voz baixa. – O meu nome é Erik Maria Bark, sou médico e estou aqui para tratar de ti. Por favor, podes dar qualquer sinal, caso estejas a compreender o que digo?

O rapaz permanece completamente imóvel, apenas o ventre se move com inspirações curtas. No entanto, Erik está convencido de que ele entendeu as suas palavras, embora, no momento seguinte, o nível de consciência tenha caído e o contacto tenha sido interrompido.

Meia hora mais tarde, quando Erik sai do quarto, Jooná e Daniella ficam a olhar para o rapaz.

– Vai sobreviver? – pergunta Jooná.

– É muito cedo para responder a essa pergunta, mas ele...

– O rapaz é a nossa única testemunha – interrompe o comissário. – Alguém matou o pai, a mãe e a irmã mais nova. E a mesma pessoa, muito provavelmente, está agora à procura da irmã mais velha.

– Sabemos disso – diz Daniella. – Mas achamos que talvez a Polícia deva dedicar o seu tempo a procurá-la, em vez de continuar a aborrecer-nos.

– A procurá-la estamos nós, mas o processo é muito lento. Precisamos de falar com o rapaz, porque é possível que tenha visto o rosto do assassino.

– Pode levar semanas, antes de podermos interrogar o rapaz – intervém Erik. – Não podemos simplesmente abaná-lo para lhe insuflar vida e contar-lhe que toda a sua família está morta.

– Mas sob hipnose... – sugere Jooná.